

**NARRATIVA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA PORTUGUESA: A  
CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM INÊS PEDROSA (PORTUGAL) E  
PAULINA CHIZIANE (MOÇAMBIQUE)**

Andrea Czarnobay Perrot (UFPel)

**RESUMO:** Este trabalho visa a analisar como se dá o processo da construção das subjetividades femininas em *A instrução dos amantes* (1992), de Inês Pedrosa, e em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane. Cláudia, protagonista de Pedrosa, passa de uma subjetividade moderna a uma condição feminina tradicional. Ela representa, dessa forma, a não-consciência dessa permanência do papel tradicional da mulher. Embora tenha meios, ela não consegue se libertar; portanto, assume um papel de submissão. Já Rami, protagonista de Chiziane, de uma subjetividade “tradicional” na sociedade moçambicana, que inclui respeito e obediência ao homem no seio familiar, passa a uma condição “moderna” frente às tradições. Representa o esboço da consciência de uma nova mulher africana, assumindo um papel de subversão. Perpassando essas construções, o amor aparece como fio condutor das duas narrativas, e sua presença nas vidas dessas mulheres será definidora dos caminhos percorridos por essas personagens no processo de construção de suas subjetividades.

Ao abordarmos a temática da subjetividade, e mais especificamente de subjetividade *feminina*, tratamos de uma subjetividade *moderna*, pois as limitações da condição doméstica da mãe de família burguesa aparecem exatamente ao mesmo tempo, e em conflito, com os anseios de mudar de vida, fazer o próprio destino, principalmente através da literatura.

As narrativas analisadas neste trabalho, *A instrução dos amantes* (1992), da portuguesa Inês Pedrosa, e *Niketche – uma história de poligamia* (2002), da moçambicana Paulina Chiziane, pertencem à literatura contemporânea, que se caracteriza essencialmente por contar histórias de homens e mulheres comuns, na tentativa de dar um sentido às suas vidas e de conquistar um lugar numa sociedade em que a voz do semelhante circula e promove uma rede de interlocuções a partir das dúvidas, dos desejos desviantes da norma e do desajuste dos sujeitos em relação à tradição, aos lugares que se espera que os personagens ocupem na trama romanesca. O romance moderno dá voz à diferença, à divergência e ao desamparo.

Neste trabalho, trataremos de duas subjetividades femininas, portanto, modernas, que se constroem por movimentos opostos. Cláudia, protagonista de Inês Pedrosa, trilha um caminho de submissão: vivendo numa atmosfera moderna, deseja interpretar o papel tradicional da mulher, buscando ser submissa ao homem que ama, numa dissonância com a modernidade na qual atua. Já Rami, protagonista de Chiziane, trilha o caminho inverso: desconstrói sua subjetividade tradicional – de mulher submissa e inexpressiva – por meio da busca pelo marido, da descoberta de suas outras esposas e das conversas com seu espelho – momento em que seu verdadeiro eu vem a lume. Ela encontra-se, portanto, em desacordo com o ambiente tradicional no qual foi criada. O diálogo entre essas duas estruturas de construção de subjetividades é representado pela dicotomia tradição x modernidade.

### ***A instrução dos amantes: da modernidade à tradição***

O enredo se passa nos tempos da Revolução dos Cravos, quando a sociedade portuguesa mudava de valores. É uma história que aborda as descobertas que fazemos ao amadurecer. A trama gira em torno de Cláudia, personagem principal, e o grupo de amigos ao qual ela pertence. Cláudia namora com Ricardo, o líder do grupo. Ela é alegre, desinibida, gosta de música pop e de festas. Entretanto, no funeral de Mariana (que pensa-se ter cometido suicídio), apaixonou-se por Dinis, irmão da melhor amiga. Dinis é o oposto dela: melancólico e desiludido com o sexo feminino, não pertence ao grupo de amigos dela, é mais velho e aprecia música clássica e filmes antigos. Ele despreza o estilo de vida de Cláudia.

Ao longo do livro, vemos como Cláudia acaba por largar todas as coisas e pessoas que adora e que lhe são familiares para se dedicar unicamente a esta paixão. Mas Dinis, apesar de também estar apaixonado por Cláudia, não consegue apagar antigas recordações e vai magoando-a dia após dia. Nunca chegam a ser namorados, apenas amantes, tendo ela terminado com seu namorado, Ricardo, justamente por querer se dedicar apenas a Dinis.

Mesmo que fuja do estereótipo das mulheres dominadas pelo homem, mesmo que disponha de total liberdade para ficar ou não com o amado, Cláudia insiste em se fazer amar por Dinis, como se disso dependesse o sentido de sua vida. Ela o amava, mas ele

apenas a desejava eventualmente. O mesmo ocorre com suas amigas Isabela e Teresa, todas encarando a vivência do amor como a experiência máxima de realização do ser humano. Cria-se, então, espaço amplo para as decepções. Findo o romance – e a relação amorosa –, a personagem não se liberta, pelo contrário, apesar dos muitos amantes que cruzam seu caminho, ela ainda alimenta, na memória, a paixão não correspondida por Dinis:

Claudia fecha os olhos e vê-se uma vez mais nos braços dele. Quantos homens a amaram com eficácia e surpresa e originalidade, depois? Todos. Um cardápio de homens dignos dos padrões de qualquer revista, atléticos, simpáticos, sensíveis. E Cláudia a fechar os olhos para encontrar o rosto de Dinis sobre o tempo. (PEDROSA, 2006, p.163)

Claudia está (...). Tão cansada e vazia que confunde as saudades de um amor com o desejo do amante que a decepcionou; cansada demais para perceber que o seu vazio tem o contorno infinito da disponibilidade (...) Ela ainda ama o homem que a desiludiu (...) (PEDROSA, 2006, p. 164).

Claudia vive a intensidade da adolescência, mas encontra-se paralisada por uma paixão não curada que a imobiliza, tornando possível a destruição de si mesma. É uma mulher livre, que se confunde com o homem na vida pública, mas que está ainda submetida a uma servidão sentimental voluntária: “Talvez seja ele, ainda, o segredo do riso dela. Não há memória mais terrível do que a da pele; a cabeça pensa que esquece, o coração sente que passou, e a pele arde, invulnerável ao tempo” PEDROSA, 2006, p.147).

No trecho seguinte, atestamos a posição de submissão de Cláudia e, também, sua crença no amor como infelicidade, como rejeição, pois é a sua vivência dele, tanto que, ao final do trecho, só lhe apetece correr para os braços do amante indiferente:

A rejeição apresenta-se às mulheres como um dos rostos da glória. Naquela noite, Ricardo Luz telefonou três vezes a Cláudia, que por três vezes desligou o telefone sem dizer uma palavra. O sofrimento dele incomodava-a, era uma ingerência absurda na dor que ela desejava intacta. Ricardo estragava-lhe o prazer de ser a mais infeliz, a única infeliz. São assim cruéis, da pior crueldade que é a da inocência, os amores novos. "Ora. Há-de passar-lhe depressa", considerava, de meia em meia hora, num rasgo de sensatez. Mas era uma sensatez postiça, sem convicção, que a punha mais melancólica do que trágica, como se andasse aos tropeços numa floresta desconhecida. Queria uma desgraça faustosa, daquelas que oferecem de brinde a aura férrea da dignidade, e

afinal sentia-se tão desamparada que só lhe apetecia ir a correr para os braços do amante indiferente. (PEDROSA, 2006, p.129)

Mas nem tudo era rejeição e infelicidade. Como afirmamos, podia até ser que Dinis amasse Claudia, pois havia momentos de cumplicidade entre eles, embora eles não o demonstrassem em público, já que mantinham sua relação em segredo:

Eles riram-se. Eram cúmplices. Nunca falavam de amor. Só falavam dos amores dos outros. A noite encontrava-os nos sítios mais estranhos. Os outros diziam que eles eram muito amigos. Eles não diziam nada. Nem sequer se tocavam, na vida real. Ninguém sabia que ela ficava horas a fio sentada nos degraus à espera. Ninguém sabia nada. Apareciam em toda a parte para melhor se esconderem. Um dia, ele esteve quase a dizer-lhe que não podia passar sem os sentidos dela. (PEDROSA, 2006, p.155)

Eles viveram um amor secreto, alimentado pelas vivências e sustentado até o fim, e além dele, por Claudia, que o recriava em delírios invulneráveis. Claudia amava o Dinis que construía e reconstruía em seus devaneios:

Dinis aterrorizou-se quando percebeu que o seu amor secreto trocava risos e confidências com a irmã. Passou do terror ao espanto e do espanto a uma sedução maior, porque nada fascina tanto os homens como a inabalável convivência das mulheres. Tinha a certeza de que Isabel daria dele uma imagem pobre, se não ridícula, e não compreendia que a paixão de Cláudia pudesse sobreviver a essa devassa. Ora as paixões são fantasias e duram o tempo que souberem colher da morte que as inventa. Quanto mais real Dinis lhe surgia, mais Cláudia o recriava em delírios invulneráveis. (PEDROSA, 2006, p.176)

### ***Niketche, uma história de poligamia: da tradição à modernidade***

Este romance conta a história de Rami, moçambicana do sul, cristã, bom nível social e cultural, com cinco filhos, casada há 20 anos com Tony, também bom nível sociocultural e alto funcionário da polícia. Rami desconfia que seu marido tem outra mulher. Investiga e descobre que ele tem não apenas uma, mas cinco outras mulheres, e um total de 17 filhos.

Procurando cada uma destas famílias, ela mergulha em outros mundos, dentro de seu país, nos quais as culturas tribais e as práticas tradicionais, como a poligamia e os rituais amorosos e eróticos, mantêm sua força e convivem com costumes de culturas hegemônicas, americanas e europeias, representadas pela presença da Igreja Católica.

A produção de Paulina Chiziane problematiza a subjetividade e o drama existencial através da personagem Rami, que questiona a condição da mulher na sociedade moçambicana, buscando subvertê-la.

Após descobrir que seu esposo tem outras cinco mulheres, Rami começa a questionar e lutar para mudar sua realidade. Entre outras atitudes ela passa a interrogar se não estaria corroborando, mesmo que inconscientemente, para que as filhas herdassem um comportamento que ela mesma não mais aceitava: “Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória” (CHIZIANE, 2004, p.255-256).

A tomada de consciência de Rami tem a ver com a descoberta de que é dentro da família que se geram todos os pequenos e grandes mecanismos que reprimem a mulher. Ou seja, são as próprias mulheres que ensinam homens e mulheres a desempenharem seus papéis de dominação e submissão, respectivamente.

Em outra passagem, Rami descreve o mapa do coração de seu marido polígamo, em que cada mulher, transformada em esposa por suas mãos de primeira-dama, desempenha um papel diferente. A essa construção que é o coração de Tony, Rami chama hexágono amoroso:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha-mãe. Depois, vem Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetejada, é a quarta. Finalmente, a Manuá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004, p. 193)

Ao refletir sobre a condição da mulher moçambicana, que aceita a poligamia por não ter outra opção para ter homem e filhos, Rami afirma, com desilusão e pessimismo: “Tremo de piedade, de tristeza e de vergonha. Todas as mulheres são gémeas, solitárias, sem auroras nem primaveras. Buscamos o tesouro em minas já exploradas, esgotadas, e acabamos por ser fantasmas nas ruínas dos nossos sonhos.” (CHIZIANE, 2004, p.181)

As atitudes de Rami, por exemplo, de trabalhar fora, de mostrar-se descontente com o comportamento do marido polígamo, ou mesmo quando se questiona quanto ao que ensina aos filhos, entre outras, não condizem com o que os mais velhos esperam dela. Rami teria uma imagem de mulher submissa e obediente que lhe foi conferida socialmente de acordo com as tradições do sul de Moçambique. No entanto, ela não a assume efetivamente, construindo-se a si mesma por meio de brechas encontradas.

Ao descobrir, uma a uma, as outras cinco mulheres de Tony, Rami decide unir-se a elas, na busca por direitos e deveres do marido polígamo, porém seguindo as regras da poligamia tradicional, ou seja, ela subverte a tradição utilizando-se dela. Por exemplo, Tony será obrigado a cumprir jornadas semanais com cada uma das esposas, servindo-as com proventos, carinhos e sexo de forma equitativa, o que o exaspera.

No caso de Rami, a subjetividade feminina forma-se a partir do meio do qual faz parte. Esta é construída ao mesmo tempo de forma individual e coletiva, pois depende não só de sua interpretação sobre seu papel, de acordo com as impressões que tem das imagens que lhe são atribuídas em um determinado momento histórico, mas também de como o outro a vê, de quais papéis o outro lhe imputa. Cabe a ela rejeitar, modificar ou apropriar-se desses papéis, novos ou antigos.

### **Concluindo, mas não fechando**

Analisando como se dá o processo da construção das subjetividades femininas em *A instrução dos amantes* (1992), de Inês Pedrosa, e em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane, temos Cláudia, protagonista de Pedrosa, que passa de uma subjetividade moderna a uma condição feminina tradicional. Ela representa, dessa forma, a não-consciência dessa permanência do papel tradicional da mulher. Portanto, assume um papel de submissão. Já Rami, protagonista de Chiziane, de uma

subjetividade “tradicional” na sociedade moçambicana, passa a uma condição “moderna” frente às tradições. Representa o esboço da consciência de uma nova mulher moçambicana, assumindo um papel de subversão. Perpassando essas construções, o amor aparece como fio condutor das duas narrativas, e sua presença nas vidas dessas mulheres será definidora dos caminhos percorridos por essas personagens. Além disso, visamos analisar também a questão da tradição X modernidade atuando no fazer, no pensar e no sentir de Claudia e Rami.

### **Referências**

**BENJAMIN**, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

**CHIZIANE**, Paulina. *Niketche – uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

**LYOTARD**, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

**PEDROSA**, Inês. *A instrução dos amantes*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.